

Lucro anual da Generali cai 70%

▶ SEGUROS

A ASSICURAZIONI Generali, terceira maior seguradora europeia, anunciou uma queda de 70% no lucro de 2008, na sequência da quebra registada no ramo vida e de imparidades de 5 mil milhões de euros ligadas à crise financeira global.

O lucro líquido apurado foi de 861 milhões de euros, que compara com 2,92 mil milhões de euros em 2007, disse a instituição sediada em Trieste num comunicado ao regulador, ficando abaixo da média das previsões de oito analistas inquiridos pela Bloomberg, que apontava para 923 milhões.

No quarto trimestre, a Generali reportou um prejuízo de 809 milhões de euros. A seguradora reduziu o dividendo, de 90 para 15 céntimos por acção, mas vai distribuir um dividendo adicional de 47 céntimos através da entrega de uma acção por cada 25 detidas pelos accionistas.

A companhia vai também vender a sua participação na IntesaVita, uma parceria com o banco Intesa Sanpaolo, o maior de Itália em valor de mercado, que já se candidatou ao plano de resgate do governo (ver nesta página).

A Generali está a enfrentar a pior recessão em mais de 30 anos na Itália enquanto a crise financeira global reduziu o valor dos seus investimentos. Em Dezembro, já anunciara que os objectivos para 2009 já não eram válidos.

“A Generali não precisa de fazer um aumento de capital, mas a sua base de capital parece um pouco frágil”, segundo disseram analistas do Bank of América numa nota divulgada no passado dia 10. Este ano vai ser “difícil” para a seguradora, frisaram.

O proveito operacional da seguradora no ramo vida caiu 28% em 2008, para 1,98 mil milhões de euros, enquanto no ramo não vida cresceu 5,4% para 2,12 mil milhões.

SUSTENTABILIDADE: EDP recupera Mata dos Medos



A EDP participou no sábado, dia mundial da Floresta, numa acção de reforestation da Mata dos Medos, na Caparica, cedendo as árvores, oriundas das estufas da central termoelectrica de Setúbal.
Foto DR

Intesa Sanpaolo recorre a plano de resgate

▶ BANCA

O INTESA Sanpaolo, maior banco italiano em valor de mercado, vai candidatar-se a ajudas do estado no montante de 4 mil milhões de euros após ter reportado perdas de 1,23 mil milhões no quarto trimestre em imparidades.

O Intesa deverá entrar na lista dos bancos que venderão obrigações ao estado, sendo a terceira instituição italiana, após o Banco Popolare e o Unicredit, a recorrer ao plano de resgate para a banca.

Essa operação e o facto de não pagar dividendo sobre acções ordinárias em 2008 deverá elevar o rácio de capital core Tier 1 para 7,4%, segundo um comunicado ao regulador do banco sediada em Milão.

“Os resultados ficaram aquém das previsões e os investidores não gostam de ficar sem dividendo”, comentou à Bloomberg Wolfram Mrowetz, um gestor de fundos em Milão. Mas esse é um dos caminhos escolhidos pelo CEO Corrado Passera para reforçar o capital.

O prejuízo do trimestre compara com um lucro de 504 milhões de euros em período homólogo do ano anterior, disse o Intesa, ficando muito longe das previsões dos analistas, que apontavam para um lucro de 466 milhões.

BREVES

Washington vende IndyMac

A Federal Deposit Insurance Corporation completou a venda do IndyMac Federal Bank a um grupo de investidores liderado por Steven Mnuchin, antigo executivo da Goldman Sachs, pondo fim a oito meses de controlo estatal do quarto maior banco confiscado pelo regulador. O IndyMac foi alienado ao OneWest Bank, banco com sede em Pasadena instituído pela holding IMB HoldCo, detida pelos investidores de private-equity.

Postbank garante liquidez

O Deutsche Postbank revelou que não necessita de vender novas acções, apesar de projectar pedir autorização para um aumento de capital na Assembleia-geral de accionistas que tem lugar a 22 de Abril. O Postbank procura a autorização para “adquirir flexibilidade num ambiente difícil”, afirmou o porta-voz da instituição, Hartmut Schlegel.

Seguradoras francesas unem-se

A Macif, a Maif e a Matmut, três seguradoras gaulesas proprietária dos clientes, planeiam uma fusão para criar uma companhia com vendas anuais de 9,2 mil milhões de euros. A operação visa ajudar as três entidades a enfrentar a crise financeira. A nova empresa vai estar operacional no final de 2009, segundo o jornal Les Echos.

Lucro da Unipol recua em 2008

A Unipol Gruppo Finanziario divulgou uma descida do lucro e afirmou que não vai pagar dividendos este ano. O resultado líquido da quarta maior seguradora italiana recuou para 92,6 milhões de euros em 2008, face aos 389,2 milhões de euros no ano anterior. A Unipol está a tentar melhorar a rentabilidade através do corte de custos e da agilização de procedimentos, com os ganhos a serem penalizados pelo abrandamento económico.

Alliance & Leicester fecha 2008 com prejuízos de 1.012 milhões de euros

▶ BANCA

O BANCO britânico Alliance & Leicester, adquirido o ano passado pelo Santander e de que é CEO o português António Horta Osório, registou, em 2008, prejuízos de 1.012 milhões de euros, contra 272 milhões de euros de lucros no ano anterior.

Em 2008, os resultados provenientes dos juros do banco totalizaram

407 milhões de euros, o que representa um decréscimo de 52%, enquanto os resultados operacionais diminuíram 42,2% para 874 milhões de euros.

António Horta Osório, citado pela Europa Press, disse que 2009 será “um ano muito desafiante”, embora a instituição mantenha um “optimismo prudente” sobre o evoluir do negócio e os benefícios de integrar o

grupo espanhol.

O Alliance & Leicester informou igualmente que os seus depósitos tiveram um incremento de 1.806 milhões de euros, dos quais 76% foram captados depois da aquisição pelo Santander. “Este facto demonstra que o Alliance & Leicester, como integrante do Abbey e do Santander é visto como um lugar seguro pelos depositantes ingleses”, sublinhou.

PARADIGMAS & DOXOS POR RUI ALPALHÃO*

O estado da banca

A CRISE financeira global que atravessamos abalou a confiança de muitos no capitalismo, bem como nas políticas económicas e financeiras que nos habituámos a considerar razoavelmente consensuais.

No calor da refrega, muitos governos, de ambos os lados do Atlântico, tomaram medidas sem precedentes no sistema bancário, proporcionando “blanket guarantees” a depositantes de alguns bancos, intervindo em reestruturações extensivas de outros, com tomada de posições acionistas por vezes substanciais, assegurando directamente crédito a empresas e, mesmo, pura e simplesmente nacionalizando bancos em dificuldades.

Poderíamos pensar estar perante uma mudança de paradigma: se,

quando há dificuldades, a intervenção apropriada é do tipo a que temos assistido, não seria mais simples vedar à banca à iniciativa privada, quer em dias de chuva quer em dias de sol? Esta questão, que provocaria respostas negativas pontuadas por risos sardónicos há pouco tempo, ganhou hoje estatuto de pergunta para ser levada a sério.

Em Portugal, este equacionar de uma mudança de paradigma reveste a natureza de paradoxo: em 1975 e 1976, a República nacionalizou 15 bancos, e entre 1989 e 1996, privatizou nove, depois de ter procedido a combinações mais ou menos aleatórias dos quinze nacionalizados e de ter gerido o pacote com resultados suficientemente desanimadores para gerar um conjunto vigoroso de

defensores intrépidos da banca privada. Em 2009, nacionalizou, por enquanto, um, perante o aplauso razoavelmente geral dos defensores intrépidos das privatizações dos anos noventa. Paradoxal.

Para os que mudam de paradigma com a frequência com que os leitores d'OJE mudam de camisa, duas notas soltas: (i) as crises sistémicas são acontecimentos raros, pelo que os gestores da crise não podem reinvidicar experiência no assunto, com a consequente tendência para a tática da “tentativa e erro”; e (ii) se os burocratas não são bons banqueiros em tempos de vacas gordas, não se vê porque o serão após o emagrecimento das ditas.

* Professor auxiliar, IBS

Espanholas querem eólicas offshore no RU

▶ ENERGIA

AS ESPANHOLAS Iberdrola e Acciona estão na corrida pelo mega negócio dos parques eólicos offshore do Reino Unido, no que é o maior impulso dado até hoje no mundo ao desenvolvimento das eólicas marítimas.

Crown State, a agência que gere as propriedades da Coroa britânica, ambiciona instalar até 25.000 megavátios, o que requererá um investimento de 86.500 milhões de euros. As espanholas integram a lista dos 18 consórcios internacionais que apresentarão um total de 40 propostas aos 9 lotes dos parques offshore.

Repsol ganha 20 concessões no Golfo do México

▶ PETRÓLEO

A PETROLÍFERA espanhola Repsol obteve a concessão para prospecção e produção de hidrocarbonetos em 20 novos blocos no Golfo do México, segundo fontes do governo dos EUA citadas pelo site el Economista. As concessões representam um aumento de cerca de 50% na capacidade da Repsol no Golfo do México, o que significa um grande avanço na intenção do presidente, António Brufau, de repor anualmente a totalidade do petróleo consumido.